

Viagens de Amélia ao Rio de Janeiro: narrativas a partir das trocas epistolares entre 1885 e 1918

Dalila Rosa Hallal¹
Letycia Rosa Grill²

Resumo

O artigo tem por objetivo analisar as narrativas de viagens realizadas por Amélia Hartley de Brito Antunes Maciel - Baronesa de Três Serros ao Rio de Janeiro. Os relatos se deram através das trocas epistolares que aconteciam entre Amélia e uma de suas filhas, Sinhá, que estava em Pelotas. Foram analisadas as cartas trocadas entre Amélia e sua filha, no período de 1885 a 1909, onde se ressaltou as viagens de Amélia ao Rio de Janeiro. A família Antunes Maciel residiu em Pelotas - RS durante o final do século XIX e início do século XX, sendo considerada uma das famílias mais importantes da cidade. A análise foi feita de maneira descritiva, dialogando com a teoria. Nas missivas pode-se observar o cotidiano de uma mulher da elite que, após sua viuvez, passa a viajar constantemente para o Rio de Janeiro, principalmente durante o inverno, porque o clima era mais favorável. Através das cartas detectou-se que os principais motivos das viagens da Baronesa para o Rio de Janeiro era o clima, e para tratamentos de saúde. Além disso, foi possível ressaltar as percepções da Baronesa sobre as viagens realizadas no período analisado.

Palavras-chave: Viagens; Trocas Epistolares; Rio de Janeiro.

Abstract

The article aims to analyze the travel narratives performed by Amelia Hartley de Brito Antunes Maciel - Baroness of the Three Serros to Rio de Janeiro. The reports were through the epistolary exchanges that took place between Amelia and one of her daughters, Sinha who was in Pelotas. The letters between Amelia and her daughter were analyzed in the period from 1885 to 1909, where Amelia's trips to Rio de Janeiro were stressed. The Antunes Maciel family lived in Pelotas - RS during the late nineteenth and early twentieth century, being considered one of the most important families of the city. The analysis was done descriptively dialoguing with the theory. In missives it can observe the daily life of an elite woman who, after her widowhood, begins to travel constantly to Rio de Janeiro, especially during the winter, when the weather was more favorable can be observed. Throughout the letters it was found that the main reasons for the Baroness' trips to Rio de Janeiro were the climate and health treatments. In addition, it was possible to highlight the perceptions of the Baroness on trips made during the period analyzed.

Keywords: Travels; Exchange Epistolary; Rio de Janeiro.

Resumen

El presente artículo tiene como objetivo analizar los relatos de los viajes realizados por Amélia Hartley de Brito Antunes Maciel – Baronesa de Três Serros– a Rio de Janeiro. Los relatos se dieron a través de intercambios epistolares entre Amélia y una de sus hijas, Sinhá, que se

¹ Professora Associada do Departamento de Turismo da Universidade Federal de Pelotas. Email: dalilahallal@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas. Discente do Curso de Especialização em Gestão Pública e Desenvolvimento Regional. Email: letyciagrill@hotmail.com

encontraba en la ciudad de Pelotas. Se analizaron las cartas intercambiadas entre Amélia y su hija en el período de 1885 a 1909, en las que se destacan los viajes de Amélia a Rio de Janeiro. La familia Antunes Maciel vivió en la ciudad de Pelotas, Rio Grande do Sul, durante el final del siglo XIX y principios del siglo XX, siendo considerada una de las familias más importantes de la ciudad. El análisis se hizo de manera descriptiva, dialogando con la teoría. En las misivas es posible observar el cotidiano de una mujer de élite que, tras quedarse viuda, empieza a viajar constantemente a Rio de Janeiro, donde el clima era más favorable, principalmente durante el invierno. A través de las cartas, se pudo constatar que los principales motivos de los viajes de la baronesa a Rio de Janeiro eran el clima y sus tratamientos de salud. Además, fue posible resaltar las percepciones de la Baronesa sobre los viajes realizados en el período analizado.

Palabras clave: Viajes; Intercambios Epistolares; Rio de Janeiro.

Introdução

As viagens configuram-se como importantes meios de trocas de culturas que são realizadas desde os primórdios da vida humana. No fim do século XIX, e início do século XX, as viagens começaram a se tornar mais comuns, mas ainda eram realizadas, principalmente, por uma elite que podia exaltar seu poder e agregar cultura e refinamento através dessas práticas.

Neste trabalho buscou-se analisar as viagens realizadas por Amélia - Baronesa de Três Serros, relatadas através das trocas epistolares que aconteciam entre Amélia e sua filha, Sinhá. Além disso, verificou-se os locais visitados por Amélia, quais os motivos para estas viagens, e quais eram as percepções da Baronesa sobre o Rio de Janeiro.

Amélia Hartley de Brito Antunes Maciel nasceu em 1848. Aos 15 anos casou-se com Aníbal Antunes Maciel. Ao se casarem fixaram residência em Pelotas - RS, em um Solar presenteado pelo pai de Aníbal (PAULA, 2008).

Amélia tornou-se Baronesa, pois seu marido recebeu, através do Decreto Imperial de 26 de julho de 1884, o título de Barão dos Três Serros, pela decisão de libertar seus escravos. Contudo, após três anos desse fato, Aníbal falece, deixando Amélia sozinha com oito filhos (PAULA, 2008).

Com isso, após alguns anos de sua viuvez, Amélia decide passar por longas temporadas no Rio de Janeiro. Sua filha mais velha Amélia Aníbal Hartley Maciel, conhecida como Sinhá, em 1890 casa-se com seu primo Lourival Antunes Maciel, e decide morar na casa de seus pais (PAULA, 2008).

A partir desse momento, ao se afastarem, mãe e filha passam a trocar cartas, a fim de se sentirem mais próximas. Por este fator as cartas tornavam-se meios de estreitar os laços entre a família, pois nelas eram discutidos variados tópicos, abordando informações de todos os familiares. As cartas abordavam diversos assuntos, como saúde, aniversários, mortes, relatando assim as notícias dos familiares, e também se destacavam as conversas sobre o cotidiano da vida da Baronesa, além das finanças e da política. No entanto, o foco deste estudo recai sobre as viagens realizadas por Amélia ao Rio de Janeiro.

Paula (2008), em seu trabalho, aponta que Amélia escreveu um total de cento e cinquenta e uma cartas, no período compreendido entre 1885 e 1918, sendo que destas missivas, “duas foram endereçadas a uma prima, duas foram remetidas ao genro Lourival e as demais tiveram como destinatária a filha Amélia Aníbal Hartley Maciel, a Sinhá.” (PAULA, 2008, p. 19)

Assim, julgou-se importante analisar as missivas de Amélia, pois são poucos relatos de viagem de mulheres e raros estudos sobre suas percepções sobre as viagens e o mundo, pois, em sua maioria, foram relatados através das narrativas dos homens.

Através de uma pesquisa no acervo do Museu Municipal Parque da Baronesa (MMPB) identificou-se cento e quarenta e cinco cartas, nas quais foram analisados os aspectos relacionados às viagens de Amélia ao Rio de Janeiro no período de 1885 a 1909. A seleção das epístolas foi feita através da leitura de todas as cartas disponíveis no acervo, tendo sido escolhidas as missivas que continham informações sobre as viagens de Amélia ao Rio de Janeiro. Estes documentos se encontram disponíveis no Museu Municipal Parque da Baronesa, localizado na cidade de Pelotas – RS, que era o Solar em que a família Antunes Maciel viveu no final do século XIX e início do século XX. As cartas foram analisadas de maneira descritiva, dialogando com a teoria.

A fim de adentrar a casa, e tentar reconstruir as vivências de viagens, o turismólogo pode fazer uso de fontes relegadas, por muito tempo, ao segundo plano. Jogadas no sótão, ou no porão, estas fontes não eram vistas como importantes, constituindo uma documentação menor. Cartas, diários, bilhetes, livros de memórias e

anotações constituem o caudal da documentação privada que é, por vezes, muito dispersa e fragmentada. (MÜLLER, PAULA e HALLAL, 2012, p. 5)

As cartas são uma fonte importante para apontar as viagens de Amélia.

A carta serve de suporte para o registro ou descrição de acontecimentos cotidianos – relativos ao trabalho, ao corpo e aos sentimentos, por exemplo – assim como favorece o exercício de um pensamento reflexivo sobre si mesmo ou a respeito de algum assunto, guardando algumas especificidades. (GONTIJO, 2005, p. 265)

Conforme afirmam Müller, Paula e Hallal (2012, p. 1):

As correspondências podem nos revelar vários aspectos da história das viagens, tais como, os itinerários, os destinos, as impressões sobre o local visitado, os motivos das viagens, o retorno, o perfil dos viajantes, os serviços utilizados, o olhar do viajante, hábitos, bens materiais, saberes e culturas, os significados sociais das viagens, algumas consequências econômicas, sociais e culturais desse processo, dentre outros aspectos.

As cartas eram uma prática bastante comum, principalmente no cotidiano da elite, no final do século XIX, e no início do século XX. Nas correspondências produzidas por mulheres da elite destacam-se um cotidiano rico em atuações diversas para além do espaço doméstico e religioso.

As mulheres se utilizavam das cartas para que pudessem escrever um pouco sobre sua vida, e partilhar umas com as outras estes acontecimentos. Gastaud (2009) ressalta que essa troca epistolar é, fundamentalmente, do cotidiano feminino. Os homens estão constantemente presentes nos assuntos das cartas, mas quem as escreve é a mulher, em sua maioria. Sendo assim, Michelle Perrot (1989, p.14) afirma que “a memória feminina, assim como a escrita feminina, é uma memória familiar, não-oficial”.

Fonseca (2007) aponta que as cartas são documentos e objetos históricos, ao mesmo tempo, instigando, além do que foi visto durante o percurso, o imaginário e as representações que se sucederam na viagem. Relata que não podem ser trabalhadas somente como um simples relato, mas sim, “em conjunto com as viagens, como espaços de sociabilização, formação e treinamento de remetentes e destinatários” (FONSECA, 2007, p.147).

Esta autora ainda destaca em sua análise que, receber, ler e divulgar as cartas, se revestem de importância na vida da elite oitocentista. Além disso, ressalta que

geravam ansiedade quando estas demoravam a chegar, tornando, essa prática, uma forma de suportar as distâncias e a longa duração das viagens.

As viagens estão relacionadas a um comportamento coletivo, pois nessa época a elite costumava desfrutar de viagens para diversos locais, ostentando seu poder e prestígio. Em Pelotas, essa elite se caracterizava basicamente pelos charqueadores, criadores de gado e atividades complementares a estas. As viagens também eram práticas corriqueiras da elite pelotense, onde, principalmente, os filhos dos grandes charqueadores, faziam viagens para diversos locais, assim como, afirma Magalhães (2012, p.85), “muitos dos nossos jovens, durante o século XIX, transferiram-se para os grandes centros, indo estudar em São Paulo, no Rio de Janeiro, na Bahia, no Recife, nos Estados Unidos e na Europa”. Desse modo, Amélia, a Baronesa dos Três Serros, objeto deste estudo, casada com um grande criador de gado, fazia parte desta elite pelotense que podia desfrutar das viagens para conhecer diversos locais.

A família Antunes Maciel se insere na história das grandes famílias que marcaram história na cidade de Pelotas. Aníbal Antunes Maciel, um bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas, de família importante e influente, econômica e politicamente, em Pelotas, criador de gado para abastecer as charqueadas, possuindo muitas terras no Brasil, e fora do país também (SCHWANZ, 2011), em 1864 uniu-se em matrimônio com Amélia Hartley de Brito, uma jovem de família rica, que é a protagonista deste estudo – para fixar residência no sul do país durante o final do século XIX e início do século XX. Nesta união os Barões tiveram um total de quatorze filhos (PAULA, 2008).

Em 1884 Aníbal Antunes Maciel recebeu o título de Barão, pois libertou seus escravos, em Pelotas, antes mesmo da assinatura da Lei Áurea (PAULA, 2008). A Baronesa de Três Serros, em 1887, três anos após seu marido ter sido agraciado com este título, fica viúva, tendo ficado sozinha com oito filhos. Amélia passou a cuidar de grande parte dos afazeres da casa.

Após este fato, e com o casamento da sua filha mais velha Sinhá, que passa a morar com o marido Lourival no Solar de seus pais, a Baronesa decide passar alguns períodos no Rio de Janeiro. Com isso, Amélia e sua filha passam a trocar cartas a fim de estreitarem os laços familiares.

Sinhá, como afirma Paula (2008, p.18), assume o papel de “porte-parole” ou “*archiveté de la mémoire familiale*”, pois decide guardar as cartas que recebia de sua mãe, e também de outros membros da família, como de seus filhos quando estavam em viagem, preservando uma parte da história da família.

Nos invernos, Amélia e Sinhá costumavam se encontrar no Rio de Janeiro, pois com o frio intenso em Pelotas, o clima do Rio de Janeiro era mais propício, sendo assim, neste período não foi necessária a troca de epístolas entre mãe e filha. Este tipo de viagem era uma prática comum da elite³ pelotense, que no inverno costumava viajar para uma localidade com um clima mais ameno.

Amélia Hartley de Brito Antunes Maciel faleceu em 1919, no Rio de Janeiro. Sua filha Sinhá faleceu em 1966, aos 97 anos (PAULA, 2008). O Solar dos Barões pertenceu à família Antunes Maciel por três gerações, sendo a primeira pelos próprios Barões, a segunda pela sua filha Sinhá e o marido Lourival, e, a terceira geração, por Déa, neta dos Barões, filha de Sinhá e Lourival, que viveu na casa até meados de 1970. Déa acabou indo morar no Rio de Janeiro, ficando o Solar abandonado.

Em 1978 a casa foi doada para a Prefeitura Municipal de Pelotas e passou por quatro anos de reformas. Tornou-se o Museu Municipal Parque da Baronesa em 1982, configurando-se como um local de lazer para as famílias e, também, um lugar de conservação não só da história da família Antunes Maciel, assim como dos usos e costumes da elite pelotense do final do século XIX e início do século XX.

³ Elite é aqui entendida na perspectiva de Needell (1993) e Heinz (2006). Para esses autores, a elite constitui-se num grupo que possui influência, privilégios e poder de decisão na sociedade a que pertence, distinguindo-se pelo seu comportamento social, servindo, muitas vezes, de modelo pelo seu modo de vida. Em Pelotas, essa elite se caracterizava basicamente pelos charqueadores, criadores de gado e atividades complementares a esta. Desse modo, Amélia, a Baronesa dos Três Serros, objeto de nosso estudo, casada com um grande criador de gado, fazia parte desta elite pelotense.

Narrativas de viagens de Amélia ao Rio de Janeiro, a partir de trocas epistolares, no final do século XIX início do século XX.

Viajar, segundo Fonseca (2007, p. 13), é “colocar-se em movimento, deslocar-se, distanciar-se.” A viagem possibilita conhecer novos locais a partir da sua visão, perante o mundo e suas concepções sobre o mesmo.

Durante a viagem é possível, ao viajante, observar tudo aquilo que, no cotidiano, passa despercebido na vida das pessoas, oportunizando a compreensão de diversos lugares, possibilitando o entendimento sobre suas próprias ações, e as de outro indivíduo.

[...] a experiência da viagem é importante para o ser humano, pois se configura como um momento sagrado, de transformação, de encontro com o próprio eu, de descoberta da diversidade e da identidade. A viagem é uma necessidade transformadora. Os relatos de viagem e a literatura sobre viagens criam e reforçam a idéia da viagem como ação humana importante para a formação do homem. (FIGUEIREDO; RUSCHMANN, 2004, p. 179)

Através das cartas escritas por Amélia, era possível o contato mais frequente entre mãe e filha. Por estarem distantes, essas trocas possibilitavam uma aproximação, além de ser um meio de compartilhar os assuntos gerais, e familiares, pois as cartas tornam presentes os ausentes, aproximando aqueles que estão distantes.

Essa constatação reforça que as cartas são uma fonte inesgotável de informações sobre as viagens, pois nelas constam subsídios de estudo pertinentes sobre as atividades e percepções que o viajante tem, durante o percurso e no local visitado.

Ao analisar as cento e quarenta e cinco cartas da Baronesa, de abril de 1885 ao mês de setembro de 1918, foram selecionadas, para realização deste trabalho, aquelas que se referem as viagens de Amélia para o Rio de Janeiro, que apontam diversas visões e sensações sobre as viagens, os locais visitados pela Baronesa no Rio de Janeiro. Nas cartas aparecem outras viagens de Amélia, a São Paulo, Curitiba, Montevideo, Buenos Aires, dentre outros. No entanto, o deslocamento mais frequente foi de Pelotas ao Rio de Janeiro. Estas viagens eram, em sua maioria, realizadas durante o inverno, pois, para ultrapassar esta estação, o Rio de Janeiro dispunha de um clima mais agradável que no sul do país.

Na primeira carta, que está disponível para pesquisa, Amélia, ao enviá-la à sua prima⁴, em 1885, se refere ao frio da cidade de Pelotas: *“pois como sabe isto por aqui é muito triste no inverno assim passamos mais distraídos”*⁵. As distrações que foram destacadas pela Baronesa, na epístola, são as visitas de familiares e amigos, que eram muito constantes.

Schwanz (2011) identifica, em sua análise sobre as mulheres da família Antunes Maciel, as constantes viagens da família para o Rio de Janeiro, ao abordar a infância de Déa.

Déa passou sua infância em constantes viagens entre Pelotas e o Rio de Janeiro. O costume da família, de passar os invernos no Rio, proporcionou a ela uma educação diferenciada das meninas pelotenses, tornando-a, segundo relatos, uma moça fascinante para a sociedade local. (SCHWANZ, 2011, p.125-126)

Em abril de 1899 a Baronesa de Três Serros enviava a Sinhá, que se encontrava em Pelotas, notícias de sua estada em Paquetá. Amélia, nessa viagem, constata que: *“há lugares aqui lindíssimos! A tão decantada pedra de – “Moreninha”, é lindíssima!”*⁶. Nesta ocasião a Baronesa estava acompanhada de: *“Dulce, Leonel, Pipo, e família, já fôrao para Cidade, estando agora conosco, Bébé Nico e Fernanda, e Titia que veio hoje, passar uns 8 dias commigo”*⁷.

Paquetá é uma ilha do Rio de Janeiro, atualmente conhecida por diversos pontos turísticos, além disso, “Paquetá evoca a imagem de simplicidade e harmonia, quando acionadas as interpretações cujas bases encontram-se no romance *A Moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo (1997)” (LEITÃO, 2013, p.16). Outro fator para viagens à Paquetá são os banhos de mar para tratamentos de saúde, como relatado pela própria Baronesa, em 1909, que através dos banhos de mar Irene, sua companheira de viagem na ocasião, se sentia melhor após ir à Paquetá para este fim: *“Ella estava tão magra e fraca, que julguei bem doente, mas hontem veio vêr-me, e já encontrei diferença para melhor; creio que com os banhos de mar, em Paquetá.”*⁸. Naquela época eram

⁴ Amélia não se refere para qual prima esta carta foi redigida e nem a localidade que a destinatária se encontrava.

⁵ Carta da Baronesa. Pelotas, 04 de julho de 1885.

⁶ Carta da Baronesa. Paquetá, 17 de abril de 1899.

⁷ Carta da Baronesa. Paquetá, 17 de abril de 1899. Foi mantida a grafia original das cartas de Amélia.

⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 23 de abril de 1909.

frequentes os banhos de mar por recomendação médica, sendo que, no início do século XX, o mar era utilizado, principalmente, para fins terapêuticos, no Brasil. Assim como exemplifica Rocha (2008, p. 53), na passagem do século XIX para o século XX “[...]. Consolida-se a idéia do banho de mar com fins terapêuticos, as praias começam a ser freqüentadas por recomendação médica”.

As viagens da Baronesa e de seus familiares eram realizadas, principalmente, para tratamentos de saúde. Ao redigir carta para Sinhá, que se encontrava em Pelotas, em 1903, esta afirmação é revelada no momento em que Amélia sugere que Sinhá deveria viajar com as crianças para outra localidade, ressaltando que, outros locais, seriam melhores para a saúde dos netos: *“O melhor remédio para isso, é, como déves saber, a mudança de ares; porque não passas com elles, algum tempo fóra? Em Piratiny, ou m mo. A serra, lhes seria mtº. proveitoso.”*⁹

Na primeira carta de 1900, a Baronesa envia notícias para Sinhá, que estava em Pelotas, sobre sua viagem para encontrar sua filha Boneca¹⁰ que estava doente:

*Anciosa como estava para chegar, e tendo o vapôr grande demóra no porto de Santos, segui para S. Paulo, e tomei o noturno para o Rio, onde soube que Bonéca estava em casa do Justino. Do trem passei para a barca, e lá me aboletei, apesar de mtº. constrangida, mas sem outro remédio.*¹¹

Pode-se identificar que o percurso tinha muitas dificuldades, pois necessitava de vários meios de locomoção para chegar a seu destino. Além disso, estas dificuldades deixavam Amélia cansada e, por este fator, quando não precisava se deslocar, comentava que se livrava de: *“uma viagem encommoda, e dispendiosa.”*¹². Os problemas com enjoos e vômitos eram frequentes durante o percurso, fazendo com que a viagem se tornasse ainda mais dificultosa para os passageiros. “Os sofrimentos a bordo pareciam não ter fim. Mulheres e crianças eram as maiores vítimas em potencial, mas todos passavam por dias terríveis de adaptação com freqüentes enjoos, vômitos, cólicas, febres etc.” (FONSECA, 2007, p.63).

⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1903.

¹⁰ Boneca é o apelido de Felisbina A. Maciel, filha da Baronesa e do Barão de Três Serros, que faleceu no ano de 1900.

¹¹ Carta da Baronesa. São Domingos, 20 de setembro de 1900.

¹² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1903.

A maioria do tempo em que Amélia permanecia no Rio de Janeiro se hospedava em hotéis. Por estar em constantes viagens de Pelotas ao Rio de Janeiro, e também para outras localidades, optava por se hospedar em hotéis, o que não lhe agradava, seja pelo alto preço ou pelos serviços prestados pelo hotel, estando, dessa forma, constantemente à procura de uma casa para alugar. Em Outubro de 1903 Amélia já se encontrava no Rio de Janeiro e através das informações que continham na carta remetida à Sinhá, a Baronesa neste momento se mudou para uma casa, podendo ficar mais confortável:

Felizmente já estou fóra do Hotel, que, apesar de ser mtº. bom, de alguma fôrma constrange, e sobre tudo fica muito dispendioso para quem como eu, tem sempre visitas , e portanto, mtº. extraordinários. Estou na rua Senador Vergueiro nº. 55C, onde me acho bem alojada, sendo a casa boa, e mtº. frêscas.¹³

Pode-se supor que a qualidade dos serviços prestados por esses estabelecimentos não era adequada.

Ao remeter a carta do dia 26 de outubro de 1903 a Baronesa, através de seu olhar crítico, observa as melhorias que acontecem no Rio de Janeiro na época: “*Creio que o Rio, com os melhoramentos que vai tendo, se tornará para o futuro, um verdadeiro Paraíso! Chamão o Prefeito, o Dr. das Flôres, porque elle tem mandado ajardinar, todos os largos, que estavam por calçar.*”¹⁴ Esta análise sobre a cidade, feita por Amélia, demonstra os avanços que aconteciam no Rio de Janeiro durante o início do século XX. Em 1903 o prefeito do Rio de Janeiro foi Francisco Pereira Passos que marcou como o governante “bota-abaixo”¹⁵. Santos e Motta (2003) ressaltam que as grandes reformulações que aconteceram, principalmente no centro da cidade, nessa época, transformaram o Rio de Janeiro, que tinha características de uma cidade colonial. A respeito do ajardinamento, ressaltado por Amélia, pode-se constatar que a “Prefeitura incluía o ajardinamento e a arborização de praças e ruas, a abertura de

¹³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1903.

¹⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro 26 de outubro de 1903. Grifo da Baronesa.

¹⁵ “Bota-abaixo” é o termo utilizado para se referir as reformas feitas por Pereira Passos, prefeito do Rio de Janeiro entre 1903 e 1906. Pereira Passos ficou conhecido por executar uma grande reformulação no Rio de Janeiro, onde ajardinou, alargou e abriu ruas, tendo que demolir muitos imóveis, para tornar o Rio, dessa forma, uma cidade mais moderna. (PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, 2002).

praças, a construção de três pequenos mercados, do Teatro Municipal e o Paço Municipal” (SANTOS; MOTA, 2003, p.19-20).

Além disso, Amélia, ao caracterizar a Rua Senador Vergueiro, onde havia alugado uma casa no Rio de Janeiro, ressalta aspectos dos avanços mencionados: “*A rua é esplendida, principalmente agora, com os bonds eléctricos.*”¹⁶. Rocha (1997) aponta que “Os primeiros bonds eléctricos que circularam cativaram o público com sua velocidade e limpeza, comparados aos antigos meios de transporte” (ROCHA, 1997, p.72). Esta afirmação está elucidada na carta da Baronesa quando exalta a beleza da rua a partir dos bonds eléctricos. Pires (2012) ao retratar o histórico dos bonds no Brasil aponta que “O sistema de bonds eléctricos inicialmente foi implantado no Rio de Janeiro, nas zonas central e sul da cidade e, posteriormente, se expandiu para a zona norte e oeste” (PIRES, 2012, p.7).

Observa-se em missivas posteriores que Amélia, além de ressaltar a respeito dos bonds, comenta sobre o estado sanitário do Rio de Janeiro: “*Hoje todos os bonds, inclusive os Carris Urbanos, são electricos. O estado sanitario aqui, é o melhor possível, como verás pelo jornal que vai separado, junto com os das creanças. Oxalá, que assim se conserve, por todo o verão.*”¹⁷

Em julho de 1906 a Baronesa encontrava-se novamente no Rio de Janeiro esperando a chegada de Sinhá e Lourival, para que passassem o inverno na cidade. Amélia, que estava novamente hospedada em um hotel no Rio, procurava alguma casa que pudesse abrigar a família durante este período, ressaltando a dificuldade de encontrar uma moradia adequada. Tenta solucionar o problema convidando-os para se hospedarem, provisoriamente, no Hotel em que ela está morando: “*Este Hotel, (onde estou parando) é só de famílias; mtº. socegado, a casa é bõa, e o tratamento. A comida, é bem feita, e igual á das nossas casas, pois não uzam aquelle tempêro proprio dos hotéis.*”¹⁸. Além disso, reafirma a vontade de que a família venha visitá-la, pedindo que

¹⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1903.

¹⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 03 de novembro de 1909.

¹⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1906.

Sinhá diga a Lourival que: *“se anime e venha, que estou certa mt^o. gostará, vendo as belezas do nosso Rio de Janeiro.”*¹⁹

Amélia aponta as belezas do Rio de Janeiro pois, neste período, a cidade era o local mais desenvolvido do País. O Rio de Janeiro, no início do século XX, caracterizava-se como uma cidade promissora, onde havia a possibilidade de encontrar os locais mais apropriados para visitar, estudar e viver. Não só por ser a capital do País, mas, também, por suas belezas naturais que começavam a ser exploradas por diversos viajantes que estavam conhecendo a cidade.

Os locais mais visitados, então, não eram os mesmos de atualmente, como as praias, o Corcovado e o samba. Como a entrada da cidade era pelo porto, a visão do viajante começava pela Baía da Guanabara, após era localizado o Pão de Açúcar, um dos pontos mais conhecidos do Rio de Janeiro. Todavia, a partir do século XX, o Rio de Janeiro começou a tornar-se turístico e conhecido mundialmente. Freire-Medeiros e Castro (2013, p.33) ressaltam que “As narrativas e imagens turísticas das primeiras décadas do século XX conduziam o olhar dos turistas a partir da baía da Guanabara e do porto, por onde vinham os navios que traziam a maior parte dos visitantes da cidade”.

Em um folheto informativo da companhia de Thomas Cook de 1908, são propostas experiências durante a viagem ao Rio de Janeiro:

Passeio de carruagem pela cidade, visitando a rua do Ouvidor, o famoso distrito de compras, os lindos parques, museus, o surpreendente interessante mercado, a catedral e outras belas igrejas, os imponentes edifícios públicos, Botafogo e o Jardim Botânico (considerado o mais belo do mundo com exceção do de Java). Um passeio ao Corcovado, um célebre arrabalde do Rio, será feito de cremalheira. A vista do cume do Corcovado é considerada por viajantes uma das mais magníficas do mundo. Uma excursão será feita de navio a vapor em meio a centenas de ilhas na famosa baía. Viagens de bonde para Tijuca, Santa Teresa e Sumaré, os lindos arrabaldes nas montanhas. Uma excursão de balsa e trem será feita a Petrópolis, no alto da Serra dos Órgãos, uma cidade linda e elegante, onde estão localizadas as missões diplomáticas estrangeiras. (THOMAS COOK GROUP, 1908, apud FREIRE-MEDEIROS; CASTRO, 2013, p. 15)

Destes locais, destacados no folheto, um deles é registrado com frequência nas missivas de Amélia, a Rua do Ouvidor, que era um local de compras no Rio de Janeiro. Conforme De Paoli (2012), era a Rua onde estava exposta a moda e a elegância do

¹⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1906.

Rio de Janeiro, no início do século XX. Amélia se refere ao local ao ver, na Rua do Ouvidor, um “collête” para Sinhá: “*Estou ansiosa pelas tuas medidas; [...] para mandar fazer-te um collête, por um modelo que está exposto na rua do Ouvidor, do qual mtº gostei.*”²⁰³³. Além da Rua do Ouvidor, Amélia costumava passear em diversas ruas do Rio de Janeiro para encontrar as roupas, móveis e objetos para si e para o restante da família, que muitas vezes faziam encomendas para a Baronesa.

Na carta de fevereiro de 1907, endereçada a Sinhá, Amélia explicou que saiu do Rio de Janeiro para ir a Curitiba, realizando novamente uma viagem: “*embarco d’aqui á 2 horas para Curityba*”²¹. Na mesma carta não deixa de relatar sobre o carnaval do Rio, que, mesmo não saindo do hotel para vê-lo, através de comentários, pode afirmar que “*esteve deslumbrante*” e que seus netos Rubens e Zilda, que encontravam-se em Pelotas, iriam gostar da festa. O Carnaval no Rio de Janeiro, do fim do século XIX e início do século XX, não se caracterizava como algo organizado, e tampouco havia as escolas de samba. Era característico, nessa época, um carnaval de rua, onde diversas classes sociais, em seus grupos, saíam às ruas para curtir o evento. Gonçalves (2006, p.71) em sua obra enfatiza que:

Os desfiles das grandes sociedades datam de 1859, permanecendo em menor número até meados da década de 1950. Foram, até a segunda década do século XX, a principal expressão carnavalesca. Eram luxuosas e cumpriam um longuíssimo itinerário pela cidade do Rio de Janeiro, saindo de suas sedes no Catete, percorrendo as ruas centrais da cidade durante os três dias de carnaval, atraindo grande número de pessoas às ruas.

O maior fluxo de trocas entre Amélia e Sinhá ocorreu em 1909, porque, por diversos motivos, não puderam se encontrar neste ano. Desde a primeira carta, redigida pela Baronesa, identificam-se dificuldades para conseguir casa no Rio de Janeiro para a família, pois, ou as casas estavam com preços altos, e a Baronesa desistia de alugá-la, ou o dono alugava a casa para outro inquilino, sem comunicá-la da decisão. Outra dificuldade enfrentada e detalhada por Amélia é sobre as condições de transporte que a família enfrentaria se caso não optassem ir para o Rio de Janeiro nos “Camarotes de Luxo” do vapor “Sírio”, estes que deviam ser os locais mais requintados do vapor. A Baronesa define minuciosamente como são os vapores e suas acomodações,

²⁰ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1903.

²¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1907.

demonstrando que pelo fato de viajar para diversos locais, conhece como são suas qualidades e precariedades:

*o Camaróte de luxo, do Sirio, já tinha sido tomado em Porto-Alegre, para esta 1ª. Viagem, e que era justamente, a em que vocês devem vir. Realmente, os outros camarótes pequenos é um horror, com tantas creancinhas. Os Camarótes de luxo, dos outros vapôres, também são maos, porque o 'guindaste' fica junto, e nos portos, é insuportavel, mas em todo caso, é mtº. melhor que os pequenos: pelo menos, pódés estar com todos reunidos.*²²

Em 04 de maio de 1909, Amélia ao redigir para a filha Sinhá epístola sobre as casas que procura para a vinda da família ao Rio de Janeiro, faz um comentário referente a comida do Hotel em que está hospedada: *“Este hotel ultimamente está cozinhando tão mal, que até n’esse sentido, tenho sofrido”*²³. Amélia constantemente narra sua insatisfação em relação a sua estada em hotéis, e, algumas vezes, relata sobre a falta de qualidade nos serviços e sobre a péssima alimentação.

Em sua carta seguinte, de 06 de maio de 1909, a Baronesa responde à Sinhá com desapontamento sobre a decisão de Lourival de não ir para o Rio de Janeiro, pois seu desejo era encontrar sua filha. Portanto, as viagens eram um meio da família se encontrar, já que a Baronesa estava no Rio de Janeiro e o restante da família em Pelotas.

Mesmo que a família não pudesse ir viajar, Amélia gostaria de encontrar uma casa para si, pois reafirma a reclamação do hotel, já observada anteriormente. Ainda ressalta que, caso necessitasse voltar ao Sul, poderia alugar a casa adquirida, pois com a população do Rio de Janeiro aumentando, alugaria facilmente o imóvel. Além disso, pode-se supor, através de seu relato, que Amélia hospedava-se em diferentes hotéis. *“Si de todo Lourival não quizer vir, aviza-me igualme. Para que eu tome uma casa pequena para mim, pois que esta vida de hotel, além de mtº. dispendiosa, pois tudo é extraordinario, só serve para passar poucos dias. Este agora, tem uma cosinha péssima!”*²⁴

Na carta de 8 de junho de 1909, Amélia redige sobre uma Exposição norte-americana, que ocorrerá no Rio de Janeiro, o que encantaria tanto crianças como

²² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 23 de abril de 1909.

²³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 04 de maio de 1909.

²⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de maio de 1909.

adultos: “dissem que é esperado um Norte Americano, que traz para a exposição, todas as qualidades de divertimentos uzados em New York, para creanças, e adultos.”²⁵. Através dessa afirmação acredita-se que a Exposição a qual Amélia se refere, seja a Exposição Internacional de Higiene que ocorreu em 1909 no Rio de Janeiro, conforme apontado por Almeida (2006) que realizou estudo sobre este evento. Segundo o autor esta exposição ocorreu em decorrência do 4º Congresso Médico Latino-Americano, e que foi ressaltado nas cartas da Baronesa para Sinhá, quando afirma que Tancrêdo, médico e marido de sua filha Talú, deveria ter ido: “*Infelizmente, Tancrêdo veio ao Rio, quando não devia; e agora que tinha ocasião de aparecer, vindo ao Congresso Medico, não o fez.*”²⁶

Além disso, comenta sua percepção sobre a Exposição ao passar em frente, durante um passeio de bonde:

*Hontem á noite, fui dar um passeio de bond, e fui até a porta da Exposição (não me apeei) Fiquei deslumbrada, com o aspecto da mesma! É como dizia a prima Chiquinha, uma cidade encantada! Parece q. os edificios, são feitos de luz. Uma verdadeira beleza!*²⁷

Almeida (2006) afirma que a Exposição, mesmo sendo destinada a assuntos científicos, tinha outro intuito, pois chamava a atenção do resto da população para visitar o evento.

Uma outra faceta pouco associada aos eventos científicos, mas que as exposições tiveram, foram os atrativos para chamar a atenção do público. Em boa parte, eram divertimentos apreciados naquela época, o que denota a crescente preocupação por parte dos organizadores destes eventos em atingir setores mais amplos da sociedade que não somente os especialistas. (ALMEIDA, 2006, p.9)

Outro apontamento de Amélia, escrito em suas epístolas, são a respeito do que observa sobre o Rio de Janeiro. Entre suas visitas analisou locais que despertaram sua atenção e descreveu para Sinhá sua visão sobre o lugar: “*Um dia d’estes, ou antes, uma noite, vindo de uma visita em Botafogo, fui até a cidade, e ao passar pelo- Theatro Municipal- fiquei encantada com que o pouco de passagem, pude vêr!*”²⁸. Além de suas próprias observações, percebe-se que as impressões são compartilhadas entre

²⁵ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 08 de junho de 1909.

²⁶ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 09 de agosto de 1909.

²⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 09 de agosto de 1909.

²⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 20 de julho de 1909.

aqueles que também visitam os mesmos locais. Ao referir-se sobre o Theatro Municipal retrata os comentários de quem o frequentou: “*Catúca foi a um recital da Réjane, e ficou maravilhada de tanta riqueza.*”²⁹. O Theatro Municipal do Rio de Janeiro foi inaugurado no dia 15 de julho de 1909, e conforme afirma Forte (2006) era o local que ainda faltava para a cidade do Rio de Janeiro. Nos jornais da época estava a notícia de inauguração do Theatro: “A sociedade fluminense vai hoje assistir à inauguração do suntuoso monumento de arte que é o Teatro Municipal e, ao mesmo passo, assistir a um espetáculo exclusivamente nacional.” (A NOTÍCIA, 14 de julho de 1909, apud FORTE, 2006, p.33). Pode-se constatar que, logo após a inauguração do Theatro, Amélia teve a oportunidade de conhecê-lo e Catúca³⁰ assistiu um dos primeiros recitais, o que demonstra que estavam frequentemente atentas ou participando da vida social carioca.

Além disso, Amélia comenta sobre a Praia de Botafogo no momento em que fala sobre a possibilidade de comprar casa, em determinados locais, afirmando que a Praia de Botafogo é um dos lugares mais belos: “*pois há muitos prédios bons, e nas ruas que mais gostas, como S. Clemente, Voluntarios da Patria, Senador Vergueiro, e Praia de Botafogo; hoje um dos lugares mais bonitos d’aqui.*”³¹. A Praia de Botafogo, principalmente por sua proximidade com o mar, era um dos locais mais procurados para aluguéis de imóveis. No início do século XX com a frequente utilização do mar como propriedades terapêuticas, a opção da elite era estar próximo a estes locais, assim como ressalta Melo (1999, p.48):

Com os banhos sendo exaltados pelas propriedades terapêuticas, a praia de Botafogo elitizou-se, sendo sempre ressaltadas, nos anúncios de aluguéis, as facilidades de acesso nesse bairro à utilização do mar. Nos anúncios dos jornais da época era comum chamar a atenção para o fato de que a casa oferecida possibilitava fácil acesso às praias.

A Baronesa ressalta em sua carta do final de outubro de 1909 que, por Catúca convidá-la, decidiu passear no Rio de Janeiro e assim aproveitou para ir ao Cinema, e passear de automóvel, o que acredita ser uma prática da elite, conforme ela mesma expõe em sua epístola: *Se não fôsse a Catúca, eu creio que não sahiria, [...], mas ella*

²⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 20 de julho de 1909.

³⁰ Catúca é provavelmente filha da cunhada da Baronesa, Flora. PAULA (2008).

³¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1909.

*insiste, e eu a acompanho, tendo assim ido a Cinematographos (dizem agora que não é chic, ir-se a cidade, e não ir ao Cinema) e passeado de automovel.*³²

De acordo com Gralha (2009, p.133)

A partir da Nova República o carioca, tem seu espaço deslocado do privado para o público. Este novo cidadão se re-inventa através de manifestações públicas; ir ao cinema, por exemplo, era mais importante do que ver o filme, andar de automóvel era mais importante que o destino do trajeto, melhor dizendo, aparentar e representar era mais importante do que ser.

Nesse período, no Rio de Janeiro, passear de automóvel era uma prática comum da elite. No âmbito público há uma preocupação em melhorar a circulação interna da cidade e viabilizar a abertura de rodovias, fatos relacionados às preocupações higienistas e aos preparativos da cidade para Exposição Internacional de 1909, relatada pela Baronesa.

O ano de 1906 marca o final da gestão de Francisco Pereira Passos na prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. [...]. Nesse mesmo ano, foi pensada pelo Barão do Rio Branco a primeira viagem com o uso do automóvel entre o Rio e Petrópolis com o intuito de hospedar autoridades em visita à capital brasileira por ocasião da exposição internacional de 1908. O ano de 1906 marca, assim, o início das questões em torno tanto da melhoria da circulação interna da cidade, a partir das primeiras leis de tráfego urbano, quanto da abertura de rodovias. Em 1907, o fato de a capital federal possuir 35 automóveis motivou a criação da instituição associada ao desenvolvimento do rodoviarismo brasileiro: o Automóvel Club do Brasil. Ele seria o responsável pela organização dos primeiros congressos brasileiros de estradas de rodagem, iniciados em 1916, onde se discutiram, entre outras coisas, a abertura de um caminho rodoviário para Petrópolis. [...]. Esse primeiro marco temporal nos revela, então, como essas questões apareceram nos projetos dos urbanistas da época, inclusive nos de Pereira Passos. Esse engenheiro havia trabalhado na Comissão de Melhoramentos da Cidade de Rio de Janeiro, em 1875, quando a organização de um plano geral de alargamento e retificação de vias com fins higienistas caminhava ao lado das propostas de embelezamento da cidade. Essas questões, sem dúvida, seriam retomadas nas obras por ele realizadas entre 1903 e 1906, revelando esse compromisso higienista. (COSTA; SILVA; COHEN, 2013, p. 416-417)

Quanto à ida ao cinema, Gatto (2012, p.4) destaca que “o cinema foi encarado como mais uma das novidades trazidas da Europa, o que interessava à burguesia que deveria estar afinada com tudo o que fosse ‘moderno’”. Além disso, Harriet Chalmers Adams, um viajante estrangeiro, ao elucidar sua impressão sobre o Rio de Janeiro em 1920, relata sobre o cinema no Rio de Janeiro:

É nos cinemas que os cariocas conhecem o verdadeiro conforto. Diferente das nossas salas de exibição, as presentes no Rio têm sala de espera espaçosa

³² Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1909.

onde se pode sentar, ouvindo uma excelente musica, até a hora do primeiro rolo. A sala pioneira desse gênero inaugurou com esse evento e se tornou hábito, e agora as pessoas se recusam a ficar de pé do lado de fora esperando a hora chegar, ou chegar depois que o filme já começou. Com tanto espaço disponível retirado do auditório, os cinemas do Rio não são um negócio lucrativo, como os nossos [...]. (HARRIET ADAMS, 1920, apud VALE, 2004, p.20)

Além disso, Amélia ressalta o crescimento de Petrópolis/RJ, uma vez que tem interesse em alugar uma casa nessa cidade, sendo advertida, pois poderá não ter êxito caso o restante da família demore a decidir se irá viajar para o Rio de Janeiro: *“que não me descuide a tomar caça para vocês em Petropolis, pois que este anno, vai ser grande a concorrência, a julgar pelo anno passado, e que até vão augmentar o n.º. de Trens para lá.”*³³. Petrópolis no início do século XX era considerada uma cidade com um clima favorável durante o verão e a elite do Rio de Janeiro costumava deslocar-se para lá.

Camargo (2003) também destaca Petrópolis, ao escrever sobre os primórdios do turismo brasileiro no século XIX:

Caberá ao filho, Pedro II, inventar a cidade imperial para onde se deslocava nos meses de verão, seguido pela Corte – ministros, funcionários e familiares – e por diplomatas estrangeiros. É certo que seguirão o imperador famílias da elite e figuras que se deslocam para onde se dirige o poder. Aos poucos, Petrópolis se impõe, transforma-se em hábito que terá sua continuidade com a presidência e as figuras gradas da capital federal. (CAMARGO, 2003, p.70).

Conhecida como “Rainha das Serras”, em seus guias destinados aos viajantes, era considerada como o “destino de pessoas elegantes e famosas. O guia apresenta Petrópolis, em diferentes momentos, como um destino para as elites, onde artistas, intelectuais, políticos e pessoas da ‘alta sociedade’ vão veranejar.” (DAIBERT, 2013, p.107). Assim, a Baronesa costumava se deslocar para destinos considerados “elegantes” das “elites” brasileiras.

No mesmo ano, em 1909, a Baronesa decide alugar um imóvel na cidade do Rio de Janeiro: *“tomei a resolução de alugar uma (como já te mandei dizer, que faria.) provisoriamente, (só para garantir a vinda de vocês) á rua Senador Vergueiro n.º.*

³³ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1909.

167.”³⁴ Dessa forma, saiu do hotel³⁵ que estava hospedada no bairro da Lapa³⁶, e foi para o bairro Flamengo, para esperar sua filha Sinhá, Lourival e os netos. Porém, justifica que está achando muita diferença de um local para o outro: “*Tenho achado mt^a. diferença no ponto: aqui é triste, em relação ao largo da Lapa.*”³⁷

O bairro da Lapa, no Rio de Janeiro, é conhecido, atualmente, como um bairro boêmio, com uma vida noturna agitada e, além disso, pelos “Arcos da Lapa”. No final do século XIX e início do século XX, a Lapa começou a ser reconhecida pelos seus bares, sendo assim, durante o dia era um bairro familiar e a noite era um bairro boêmio.

Araújo (2009) ressalta esse momento de transição:

[...], ao final do século XIX, a Lapa começa a ser reconhecida pela coexistência de dois ambientes, um diurno de característica familiar e um noturno, de boemia que, com o tempo tornou-se um incômodo para os moradores. Tal fato gerou a fragmentação da unidade que permanecia anteriormente. [...] Sabemos que foi durante o incremento populacional, no fim do século XIX, que a área despontou com ar boêmio. E, tendo em vista as transformações sócio-espaciais da cidade do Rio de Janeiro durante o século XX, é importante destacar as mudanças ocasionadas pela Reforma Urbana de Pereira Passos que atingiu a localidade. (ARAÚJO, 2009, p.29-30)

O bairro Flamengo, local onde a Baronesa aluga uma casa, também estava passando por transformações:

A faixa litorânea do bairro do Flamengo – a via Praia do Flamengo – na sua atual extensão surge com a reforma urbana implementada no governo do Prefeito Pereira Passos (1902- 1906). [...]. A área era ocupada no século XIX por chácaras de proprietários de alto poder aquisitivo, por pessoas pertencentes à corte portuguesa e ao corpo diplomático das embaixadas, dada a proximidade com o Palácio do Catete, sede do governo federal. Esse grupo social agregou àquele espaço um status de bem morar, de morar de modo luxuoso, e fundamentalmente tradicional e aristocrático. Segundo Flávio Villaça (1978), tratava-se de famílias com um grande apego ao lugar, não tendo dele se afastado mesmo quando a área urbana se expandiu para seus arredores. Brasil Gerson (2000, p.255) informa que a Praia do Flamengo foi, durante o segundo Reinado (1822-1889) e o início do período republicano (1889), local de elegante residência de ilustres cariocas e a praia de banhos de mar das famílias cariocas. Esta era uma das vias

³⁴ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1909.

³⁵ O hotel que a Baronesa estava hospedada, no bairro da Lapa, era o Grande Hotel. (PAULA, 2008).

³⁶ Conforme explicado pela Baronesa em carta endereçada a Sinhá no dia 3 de agosto de 1909: “*tenho porem me abarrotado de procissões, porque raro é o Domingo, que não saia alguma da Igreja da Lapa, que fica em frente ao Hotel!*”.

³⁷ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 1910.

mais nobres da cidade do Rio de Janeiro, no início do século XX. (NUNES, 2014, p. 3)

Dessa forma, é possível identificar os principais lugares que Amélia frequentava no Rio de Janeiro, pode-se verificar que a Baronesa costumava visitar locais frequentados pela elite brasileira, estando sempre atenta às novidades que o Rio de Janeiro oferecia.

Importante destacar que não é um caso isolado, mas as viagens da Baronesa ao Rio de Janeiro, nesse período, faz parte de um comportamento da elite pelotense. Magalhães (2012) destaca que as viagens são práticas corriqueiras da elite pelotense. Esta análise também é constatada através de cartas de Amélia endereçadas à Sinhá. Ao relatar o falecimento de uma companheira de viagem comenta que diversos pelotenses compareceram ao velório: *“Quase toda colonia Rio grandense compareceu. Foi esta uma nota triste para os hospedes d’este Hotel, que está cheio de pelotenses.”*³⁸. Outra nota sobre este assunto ocorreu em julho de 1918, em que Amélia relatou que os pelotenses costumavam ir para o Rio de Janeiro no inverno: *“Pelo que me dizem, é grande aqui o numero de familias Pelotenses, que fogem ao frio ahi, que segundo as noticias que temos, deve ter sido intenso.”*³⁹

A última troca epistolar entre mãe e filha, em 1910, aconteceu em 30 de março, quando Sinhá e a família viajam para encontrar Amélia. Sabe-se que a Baronesa permaneceu um longo tempo em Pelotas. As próximas cartas, disponíveis no acervo, são de 1916, momento em que a Baronesa está em Pelotas e Sinhá no Rio de Janeiro. Não há registros do motivo pelo qual Amélia decide ficar em Pelotas e Sinhá no Rio de Janeiro.

A Baronesa faz planos, em setembro de 1916, de voltar ao Rio de Janeiro, pois para sua saúde o clima é mais favorável. Nesse período, seu motivo para permanecer em Pelotas é de que sua neta Zilda foi eleita Rainha do Clube Diamantinos e gostaria de estar presente nas festividades onde a neta seria o destaque:

Como Rainha Avó, penso assistir a coroação da Rainha, e ao Carnaval, para apreciar, e tomar parte, no seu triumpho, mas em

³⁸ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 14 de julho de 1909

³⁹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 31 de julho de 1918.

*seguida, si Deus o permittir, penso seguir para ahi, pois me parece, que quanto mais tempo aqui estiver, peor fico, das pernas, que cada vez, estão mais prêsas.*⁴⁰

Em 1918 as práticas para tratamento da saúde eram corriqueiras, Amélia novamente instalasse no Rio de Janeiro para cuidar de sua saúde. Nas viagens de Amélia, o motivo mais frequente eram questões relacionadas à saúde. Além disso, um dos motivos para a Baronesa decidir se deslocar e ampliar sua estada no Rio de Janeiro, após ficar viúva, foi para praticar sua religião: *“o principal motivo que aqui me trouxe, foi praticar um pouco a minha santa religião, da qual ahi me vejo absolutamente privada!”*⁴¹. A religião de Amélia era o Espiritismo, uma religião difundida por Alan Kardec, que é definida, segundo Sausse (2006, p.55), como “uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal”. Conforme Paula (2008) não há registros de quando Amélia optou por aderir ao Espiritismo, sendo que, esta “decisão pode ter sido tomada lentamente, em suas estadas no Rio de Janeiro, ou mesmo em Pelotas, que, naquele período, não se encontrava tão longe das idéias europeias” (PAULA, 2008, p.215).

Frequentar a capital da República conferia um certo *status* a família Antunes Maciel, sinal de requinte e sofisticação, possibilidade de acompanhar a modernidade e a agitada vida social e cultural do Rio de Janeiro nesse período.

A Baronesa faleceu em 1919, no Rio de Janeiro.

Considerações Finais

As cartas são uma fonte significativa para conhecer uma parte da história de quem a escreve e, além disso, permite perceber como era o cotidiano do escrevente, e do destinatário. Nas cartas de Amélia foi possível analisar muito sobre suas viagens ao Rio de Janeiro, os motivos das viagens, os locais mais visitados durante o período estudado e as percepções da Baronesa sobre cada lugar.

⁴⁰ Carta da Baronesa. Pelotas, 02 de setembro de 1916. Grifo da Baronesa.

⁴¹ Carta da Baronesa. Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1903.

Percebe-se que Amélia, em suas cartas, comenta sobre os progressos e o cotidiano de sua vida enquanto permanecia no Rio e destaca frequentemente a modernidade do Rio de Janeiro, relatando sobre as grandes reformas realizadas em 1903, sobre os bondes elétricos, o estado sanitário da cidade, que estava em processo de modernização nesta época.

Os locais mais visitados no Rio de Janeiro foram em passeios, por diversas ruas, para encontrar as roupas ou artigos para casa (muitas vezes encomendas de seus familiares que se encontravam em Pelotas), e costumava frequentar a Rua do Ouvidor, uma das ruas mais expressivas referente à moda no Rio de Janeiro. Ressalta visitas ao recém-inaugurado Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

Amélia tinha um olhar crítico sobre os hotéis em que se hospedava no Rio de Janeiro e costumava comentar, com Sinhá, o que lhe agradava ou não. Além disso, pode-se perceber que tinha uma vida agitada, com muitas visitas, geralmente de parentes, e de outros pelotenses, que visitavam o Rio de Janeiro. Por vezes gostava das comodidades que um hotel lhe proporcionava, mas em certos momentos estava a procura de casas para poder acomodar toda a família da melhor maneira possível.

Outra observação analisada, através das cartas, foi de que Amélia não costumava sair para festas, no Rio de Janeiro. Ao mencionar o Carnaval do Rio, relata que só ouviu comentário sobre a festa, pois não saiu do hotel para ver a festa.

Em 1906 houve uma pausa nas trocas de cartas entre Amélia e Sinhá, assim constata-se que Sinhá e Lourival foram ao Rio de Janeiro, para passar o inverno na cidade, como era feito frequentemente pela família e por outros pelotenses.

Esta pesquisa possibilitou conhecer um pouco mais do cotidiano da vida de uma mulher que naquele período ficou viúva precocemente, e passou a organizar, mesmo viajando constantemente, a vida de sua família.

Amélia, em uma de suas últimas missivas, expressa a sua opinião sobre como uma viagem faz bem, não só para a saúde, motivo corriqueiro para a realização de viagens neste período, mas também para o espírito do indivíduo, que aprende, que descobre e vivencia novidades ao viajar.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. de. Entre Balões, Carrosséis e Ciências: A Exposição Internacional de Higiene na Capital Federal. In: **'USOS DO PASSADO'** — Encontro Regional de História, ANPUH, 12., 2006, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, p. 1-10, 2006.
- COSTA, R.; SILVA, C.; COHEN, S. A origem do caos – a crise de mobilidade no Rio de Janeiro e a ameaça à saúde urbana. *Cadernos. Metrópolis*. v. 15, São Paulo. p. 411-43, 2013.
- DE PAOLI, P. Entre Continuidade e Ruptura: A Rua do Ouvidor nas Reformas Urbanas do Rio de Janeiro (1902-1906). In: **Seminário Internacional Urbicentros**, 3., 2012, Salvador. *Anais...* Salvador, p. 1-19, 2012.
- FIGUEIREDO, S. L.; RUSCHMANN, D. V. de M. Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas. *Revista Novos Cadernos NAEA*, v. 7, n. 1, p. 155-188, 2004.
- FONSECA, J. F. de M. **Correspondência de Viagem: Brasileiros da Europa Oitocentista/ 1855 a 1898**. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- FORTE, A. M. S. **Turismo Cultural no Rio de Janeiro: Um Ponto de Vista a partir do Theatro Municipal do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2006.
- FREIRE-MEDEIROS, B.; CASTRO, C. Destino: Cidade Maravilhosa. In: CASTRO, C.; GUIMARÃES, V. L.; MAGALHÃES, A. M. (orgs). **História do Turismo no Brasil**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2013.
- GONÇALVES, R. de S. Os ranchos carnavalescos e o prestígio das ruas: territorialidades e sociabilidades no carnaval carioca da primeira metade do século XIX. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 71-80, 2006.
- GONTIJO, R. História, cultura, política e sociabilidade intelectual. In: Soihet, R.; Bicalho, M. F. B. e Gouvêa, F. S. (Orgs.) **Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensaio de história**. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.
- GRALHA, Fernando. O Carioca Ideal na fotografia de Augusto Malta (1900-1920). **Territórios e Fronteiras**, v. 2, n. 1, p. 128-152, 2009.
- HEINZ, Flávio M. O historiador e as elites – à guisa de introdução. In: _____ (Org.) **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- LEITÃO, W. M. Cordialidade e evitações nas ruas de Paqueta: sociabilidade e organização social em um bairro carioca. **Revista Cuadernos de Antropología**, n. 9, p. 15-33, 2013.
- MAGALHÃES, M. O. **Pelotas Princesa (livro comemorativo ao bicentenário da cidade)**. Pelotas: Diário Popular, 2012.
- MÜLLER, D.; PAULA, D. C. de; HALLAL, D. As Correspondências como Fonte para a História do Turismo. In: **Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo**. *Anais...* São Paulo, p. 1-15, 2012.
- NEEDELL, Jeffrey D.. **Belle Époque Tropical**. Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. (Tradução de Celso Nogueira) São Paulo: Cia. das Letras, 1993, p. 275.
- NUNES, Denise Vianna. Agentes e processo de verticalização: O caso da Praia do Flamengo no Rio de Janeiro. **III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo**. São Paulo, 2014.
- PAULA, D. C. de. **Da mãe e amiga Amélia: cartas de uma Baronesa para sua filha (Rio de Janeiro - Pelotas, na virada do século XX)**. 2008. 264f. Dissertação (Mestrado em História) – Unisinos, São Leopoldo, 2008.
- PERROT, M. Práticas da Memória Feminina. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.9, n. 18, p.09-18, 1989.

PIRES, H. F. Imagens e História na Internet: Os Bondes, Patrimônio Brasileiro. In: **Simposio Internacional - Globalización, Innovación y Construcción de Redes Técnicas Urbanas en América y Europa**, 1890-1930. *Anais...* Barcelona, 2012, p. 1-22.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. *Memória da Destruição. Rio – uma história que se perdeu* (1889-1965). Disponível em: www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204430/4101439/memoria_da_destruicao.pdf. Acesso em: Agosto de 2013.

ROCHA, A. S. de S. A sedução da luz: eletrificação e imaginário no Rio de Janeiro da Belle Époque. *Revista de História Regional* – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, v.2, n.2, p. 51-80, 1997.

ROCHA, E. C. da. **O Aspecto Social da Iconografia do Futebol e Estudo de Caso das Agremiações Desportivas Cariocas**. Dissertação (Mestrado em Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SANTOS, A. M. S. P.; MOTTA, M. S. da. O “bota-abaixo” revisitado: o Executivo municipal e as reformas urbanas no Rio de Janeiro (1903-2003). *Revista Rio de Janeiro*, n. 10, 2003.

SAUSSE, Henri. **O que é o Espiritismo**: noções elementares do mundo invisível, pelas manifestações dos espíritos, com o resumo dos princípios da doutrina espírita e resposta às principais objeções que podem ser apresentadas. Federação Espírita Brasileira, Rio de Janeiro, 2006.

SCHWANZ, J. K. **A Chácara da Baronesa e o Imaginário Social Pelotense**. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

SPORT CLUB INTERNACIONAL. **Agenda Histórica** – Outubro, 2007. Disponível em: <www.internacional.com.br/pagina.php?modulo=2&setor=18&codigo=5704>. Acesso em: Agosto de 2013.

FONTES PRIMÁRIAS

Carta da Baronesa – Pelotas, 04 de Julho de 1885.

Carta da Baronesa – Paquetá, 17 de Abril de 1899.

Carta da Baronesa – São Domingos, 23 de Setembro de 1900.

Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 06 de Outubro de 1903.

Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 16 de Outubro de 1903.

Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 16 de Novembro de 1903.

Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 29 de Novembro de 1903.

Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 19 de Junho de 1906.

Carta da Baronesa - Rio de Janeiro, 14 de Fevereiro de 1907.

Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1909.

Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 04 de Maio de 1909.

Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 06 de Maio de 1909.

Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 08 de Junho de 1909.

Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 20 de Julho de 1909.

Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 09 de agosto de 1909.

Carta da Baronesa – Rio de Janeiro, 03 de novembro de 1909.

Artigo recebido em: 11/01/2017

Avaliado em: 03/03/2017

Aprovado em: 31/10/2017